

# MULHER E PERPETUAÇÃO DA TRADIÇÃO DA ROMARIA DE BOM JESUS DA LAPA: RELEITURAS DO CONTEXTO\*



Sandra Célia Coelho Gomes da Silva\*\*, Krzysztof Dworak\*\*\*

*Resumo: este artigo é uma releitura, feita pelos autores, de suas teses de doutoramento, cujo objeto comum de estudo foram as romarias ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, realizadas há mais de três séculos, na região Oeste da Bahia/Brasil, vistas sob enfoques diferentes, mas que, neste artigo, encontram um denominador comum: as mulheres romeiras e a perpetuação da tradição das romarias. As participantes foram na sua maioria mulheres romeiras e coordenadoras de romaria com mais de cinco anos consecutivos de presença na peregrinação. Visitamos outros estudos sobre estas questões, enfatizando aqueles relacionados à crise sanitária mundial da COVID-19. Concluímos que na Romaria onde é vivenciada a experiência do encontro com o Sagrado, um espaço de reprodução social da família e da identidade de gênero feminina, observa-se um contraste entre a resignificação do papel da mulher romeira e a confirmação de sua importância na perpetuação daquela tradição.*

\* Recebido em: 30.06.2021. Aprovado em: 22.10.2021.

\*\* Doutora e Mestra em Ciências da Religião (PUC Goiás) com pós-doutorado em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Membro-conselheira da Sociedade de Teólogos e Cientista da Religião (SOTER - Regional Centro-Oeste). Professora e Coordenadora do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES - UNEB -DEDC - Campus XI - Serrinha). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS). Pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas Interdepartamental em Culturas e Religiões (CEPICR/UNEB). *E-mail:* scsilva@uneb.br.

\*\*\* Doutor em Ciências da Religião (PUC-SP) e Mestre em Teologia Sistemática com Especialização em Liturgia (PFTNSA – SP), com pós-doutorado em Psicologia da Educação (UC). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (UNEB). Membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER). Investigador do Instituto do Cristianismo Contemporâneo (CICMER da Universidade Lusófona). *E-mail:* kdworak@hotmail.com

Palavras-chave: *Romaria. Bom Jesus da Lapa. Tradição. Experiência religiosa. Identidade de gênero feminina.*

**E**ste artigo é um recorte e releitura feita pelos autores das suas teses de doutoramentos, cujo objeto comum foram as romarias do Santuário do Bom Jesus da Lapa, vistas sob enfoques diferentes, mas que, neste artigo, encontraram um denominador comum: as mulheres romeiras e a perpetuação das romarias. Enquanto uma das teses, intitulada *Romaria do Bom Jesus da Lapa: reprodução social da família e identidade de gênero feminina*, teve por objetivo discutir a importância das mulheres na perpetuação da tradição das romarias de Bom Jesus da Lapa, enfatizando as relações de gênero, a segunda teve por objeto de pesquisa *As romarias da Lapa como experiências do encontro no contexto lítico do Santuário do Bom Jesus da Lapa: chamado e resposta*. O cenário dessas duas pesquisas foram as Romarias que, há mais de três séculos, se dirigem a este importante santuário sertanejo, o qual surgiu com a descoberta de uma gruta num morro calcário, na beira do Rio São Francisco, feita por um viajante e depois um ermitão português, Francisco de Mendonça Mar, por volta do ano de 1691 (KOCIK, 1991;2000).

As participantes da pesquisa foram mulheres romeiras que se enquadram na faixa etária entre 40 e 70 anos de idade e participaram, pelo menos de cinco anos consecutivos, das romarias ao Santuário do Bom Jesus da Lapa. Estas mulheres pertenciam a cinco estados brasileiros que registram um maior índice de participação de romarias nesse evento religioso, quais sejam: Bahia, Minas Gerais (norte do estado), São Paulo, Espírito Santo e Goiás. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, qualitativa, de campo e a pesquisa documental. Na coleta de dados aplicamos a observação participante e entrevista semiestruturada, a partir das quais foi feita uma análise dialética de conteúdo.

No que se refere às mulheres romeiras que viviam suas experiências de encontro com o Senhor Bom Jesus da Lapa, no contexto lítico daquele santuário, destacamos duas modalidades de participação: 1ª – as coordenadoras de romarias, isto é, aquelas mulheres que organizam as romarias e as acompanham em todas as suas etapas, até o seu desfecho final que acontece no regresso à casa e à família. Geralmente são mulheres que têm vinculação com as atividades que desenvolvem voluntariamente nas igrejas, capela e nas comunidades locais ou que herdaram esse legado de sua família ou de uma outra coordenadora - chefe; 2ª - as romeiras comuns, isto é, donas de casa, mães e esposas, agricultoras e domésticas, que por vários motivos acolheram o convite ou o chamado de participar de uma romaria e decidiram participar das viagens organizadas pelas coordenadoras – chefes de romarias de sua região. Contudo, é importante

sublinhar que todas elas trazem uma característica própria, sobre a qual iremos dissertar neste artigo: a questão geracional, a manutenção e a perpetuação da tradição (comunitária e intrafamiliar) de fazer suas romarias ao Santuário do Bom Jesus da Lapa.

As releituras do contexto a serem abordadas nesse estudo perpassam pelos desdobramentos próprios da contemporaneidade, pelas experiências vividas em todo o percurso realizado e pelo contexto atual marcado pela crise epidemiológica mundial, oriunda da COVID-19. No primeiro momento apresentaremos alguns aspectos geracionais da perpetuação da tradição na romaria do Bom Jesus da Lapa; em seguida elucidaremos sobre os sonhos e perspectivas do futuro da mulher a partir de sua participação na romaria; e, por fim, faremos nossas releituras do contexto da romaria do Bom Jesus da Lapa: tradição e gênero, e apontaremos as conclusões.

#### A PERPETUAÇÃO DA TRADIÇÃO NA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: O LUGAR DA MULHER

A romaria do Bom Jesus da Lapa é uma das mais tradicionais manifestações religiosas que está associada ao catolicismo popular, fortemente presente na cultura popular brasileira, herdada das tradições peregrinatórias portuguesas. Mesmo que o cristianismo há muito tempo vinha convertendo a cultura europeia num conjunto unitário, o catolicismo popular, assim como toda a cultura popular em geral, parecia permanecer um tanto fechado e avesso às principais transformações socioculturais, no passado e, especialmente na contemporaneidade, e que de alguma maneira, procurou controlar o comportamento da mulher, pondo um freio à sua feminilidade (BURKE, 2010, p. 83; 89). A razão para isso está, especialmente, no sistema patriarcal, fortemente presente nas culturas do Antigo Oriente Próximo, na tradição judaica, na filosofia grega, nas leis do Império Romano, que influenciou posteriormente as leis na cultura ocidental: *Exemplos lembram dos séculos que o sistema jurídico embalou com formas diferentes de redução da mulher a um ser juridicamente incapaz. Uma potencialidade contida. O traço de exclusão da condição feminina marcou o patriarcado e fundou um padrão familiar sob a lei da desigualdade [...] Era o princípio da autoridade paterna, peça fundamental para se entender a antiga concepção da família, da autoridade, da herança, da propriedade* (PINHO, 2002, p. 270; 274).

Este modo de conceber o mundo, a família e as relações de gênero influenciaram também a própria tradição cristã. Segundo Pinho,

*Com o tempo essa religião doméstica cedeu espaço ao cristianismo à religião, mas isto não alterou a posição social e jurídica da mulher. Com a conversão*

*de alguns imperadores romanos ao Cristianismo o Estado uniu-se à Igreja e permitiu que esta interviesse na regulação das relações de família. A Igreja se autolegitimou e legitimou a autoridade marital e paterna, consolidando o poder masculino e fixando a mulher numa condição inferior e submissa* (PINHO, 2020, p. 288).

A tradição judaico-cristã se tornou a base de toda a estruturação das sociedades contemporâneas e traz consigo o modo de pensar sobre o masculino, o feminino e sobre a sexualidade (LEMOS, 2012, p. 26). Klinger (2010), ao fazer a análise do cristianismo, afirma com radicalismo que o cristianismo em geral e os evangelhos em particular são patriarcais e, por isso, privilegiam os homens, menosprezam as mulheres e até legitimam religiosamente o menosprezo. Em oposição a estas visões, aparecem outras que, sem negar o aspecto patriarcal, reconhecem que muitos elementos da modernidade lançam raiz na tradição cristã, entre eles a dignidade de todo ser humano e a dignidade da mulher, fundamentados na antropologia cristã que assegura os direitos humanos (LIBANIO, 2006, p. 111).

A prática das romarias ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, sem ser refratária às principais transformações na atualidade, no que se refere a seus agentes, contribui com a manutenção de elementos que fazem parte de uma tradição que já se perpetua por mais de três centenários. As peregrinações brasileiras, que perduram até os dias atuais, são originárias da época da colonização e, portanto, mantêm uma tradição. Os principais santuários de peregrinação religiosa no Brasil surgiram nos séculos XVII e XVIII, como é o caso do Santuário do Bom Jesus da Lapa, que tem hoje 330 anos de existência (DWORAK, 2014). O que mantém esta tradição presente ainda hoje é a sua transmissão de geração a geração: E o que a torna viva, por sua vez, são seus mitos fundantes, que, nesse caso, estão ligados profundamente à história do Monge da Gruta e a sua fé no Bom Jesus.

O aspecto geracional se faz presente, como afirma Magalhães (2000, p. 37):

*As gerações são mais que cortes demográficos. Envolvem segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes, culturas e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, ideias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica. Comporta memória, ciência, lendas, tabus, mitos, totens, referências religiosas e civis.*

Em suas pesquisas sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa, Dworak (2014) reconhece a existência de romarias vistas como resposta que ele chama de *romarias tra-*

*dicionais* ou de *origens*, cujo aspecto característico é justamente a perpetuação da romaria como tradição, repassada de geração a geração, ou de um/a chefe para o/a outro/a.

*É próprio das tradições serem conservadas e transmitidas ao mesmo tempo. Para muitos romeiros, a experiência de participar da romaria na Lapa, encaixa-se no dinamismo da transmissão das experiências vividas por alguém. “Não é pela primeira vez que venho”, – dizia um romeiro de Rondônia, - “Venho há quarenta anos! Vim com a família. Primeiro foi meu pai, né, que vinha. Depois eu mudei para Espírito Santo. Fui para Pará, do Pará vim aqui, depois para Rondônia” (DWORAK, 2014, p. 188).*

Nesse quesito, o lugar que a mulher ocupa nesse evento religioso e, conforme constatado no estudo e referendado atualmente, a maior presença é de mulheres, segundo suas especificidades de atuação, se dá na condição de coordenadora de romaria (CR) e romeiras comuns (R). As próprias mulheres romeiras entrevistadas expressam que participar da romaria para elas é um costume, ou seja, um hábito que faz sobreviver uma tradição que vem de seus antepassados, como pode se verificar na fala da Romeira do Espírito Santo:

*Isso vem dos meus avós, porque, quando meu pai se casou, meu avô já era romeiro do Bom Jesus que ia em Congonhas do Campo, e lá eles faziam parte no tratamento de ajudar tratar dos pobres, no albergue, dos pobres. E ele gostou daquilo quando ele era noivo de minha mãe, aí nunca mais deixou de ser romeiro. Ele acompanhou, no caso, meu avô, que era o sogro dele.*

Assim como as mulheres mantêm um costume herdado por seus pais, de participar da Romaria do Bom Jesus da Lapa, as coordenadoras de romarias veem essa atividade como um compromisso que deve ser mantido:

*Eu vinha sempre, tô com cinco anos que eu vinha com a vizinha, agora está com dois anos que venho com minha própria romaria. Quando minha mãe era viva, ela veio uma vez, aí gostou e pediu que a gente viesse, aí a gente vem todo ano: Mantenho sempre, ainda mais que ela pediu, todo ano que pudesse que viesse alguma das filhas, daí eu faço isso, só vou parar quando morrer.*

O *ethos* religioso é um dos componentes do perfil das mulheres romeiras, que se efetiva concretamente por meio do costume. Segundo Hobsbawn (2002), a tradição gera resistência, é algo consolidado, tendo como característica a permanência. Tal tradição, segundo afirma Hervieu-Léger (2008), é uma das

condições para a sobrevivência das instituições e dos valores. O costume, por sua vez, é visto comopositor da tradição, pois é aberto, flexível e tem como característica a mudança, “sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência a inovação) a sanção do precedente”. Conforme exposto pelas Coordenadoras de Romaria acima, entendido por Lima Vaz (2006, p. 41) como “a forma com que a vida humana é vivida dentro de determinada tradição”, para esse autor a permanência social do *ethos* se dá sob a forma do costume, implicando sua interiorização e permanência no indivíduo na forma do hábito.

No caso da romaria do Bom Jesus da Lapa, o *ethos* religioso (ou costume) tem sua duração temporal assegurada pela tradição e reafirmada por uma gestão geracional. Com isso, o costume que, pela prática, se constitui num hábito de ir à romaria, faz com que a romaria se perpetue. Nesse processo, as mulheres têm uma participação ativa e asseguram a sobrevivência dessa tradição, passando-a de pai para filho. Scott (1995), define o patriarcado

*[...] como uma forma de organização social no que concerne às relações são regidas por dois princípios basilares: a subordinação hierárquica das mulheres aos homens, assim como os mais jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade.*

Esse aspecto se aproxima das concepções da sociedade patriarcal, cujo padrão de consciência se estrutura a partir das concepções do sexo, como um dado biológico. Conforme Klinger (2010, p. 60-61):

*O sexo é um dado biológico, pois as pessoas têm um corpo: são homem ou mulher. Isto é fato indiscutível. Pertence aos dados fundamentais de vida de cada um. Mas as pessoas não são apenas corpo, também possuem espírito. São seres históricos. Devem não só aceitar passivamente a situação em que se encontram, mas precisam atuar dentro dela e podem mudá-la. Por isso devem comportar dentro da sua própria sexualidade. Desenvolvem uma cultura de relacionamento com o outro sexo (KLINGER, 2010, p. 60-61).*

Corroborando a proposição apresentada por Klinger (2010), a sociedade patriarcal tem o sexo (biológico) como um aspecto determinante no contexto social. Diante disso, naturalmente, na divisão de papéis cabe à mulher o encargo de prover a espiritualidade da família, ela já educa seus filhos de forma que estes, desde pequenos, interiorizem os valores religiosos que fazem parte de sua crença e, no caso que estamos a analisar, o costume de ir à romaria, que se transforma num hábito que acompanha a pessoa durante toda a vida.

Com isso, as mulheres romeiras asseguram a sobrevivência dessa tradição religiosa, fruto da piedade popular no âmbito da família, quando, por seu testemunho, levam outras pessoas a participarem da romaria, perpassando pelo aspecto geracional. Da Matta (1987, p. 125) considera que a “[...] família é um grupo social, bem como uma rede de relações. Funda-se na genealogia e nos elos jurídicos, mas também se faz na convivência social intensa e longa”. Assim conclui: “sem família não há sociedade e também além dela”.

No continuar da análise pontuaremos os sonhos e perspectivas de futuro das mulheres que participam da romaria de Bom Jesus da Lapa.

### SONHOS E PERSPECTIVAS DO FUTURO DA MULHER NA ROMARIA DE BOM JESUS DA LAPA

O sonho, no contexto da romaria, faz parte da tradição judaico-cristã, assim como também das origens do Santuário da Lapa. Antes de tudo, os romeiros têm um sonho e um desejo: entrar nos limiares do Santuário e nele fazer a sua experiência do encontro com o Bom Jesus, que os transforma e transfigura (DWORAK, 2014). As mulheres romeiras trazem, na sua experiência de vida, traços marcantes de sentimentos que são externados pela sua devoção e fé ao Bom Jesus. Isso as leva a sonhar sobre a Romaria, visto que muitas assumiram um compromisso, com elas mesmas e com o São Bom Jesus da Lapa, de irem à Lapa do Bom Jesus, enquanto vida tiverem.

Algumas Romeiras e Coordenadoras de Romaria do Bom Jesus da Lapa compartilharam conosco seus sonhos, tais como: “O meu sonho era que todo mundo fosse igual, compreendesse um ao outro, para não haver rivalidade na humanidade, esse é meu sonho, que eu peço a meu Deus” (CRMG1); “Tenho um sonho: vir todo ano enquanto eu estiver viva” (CRB2); “O sonho daqui adiante é que estou me preparando para Deus” (RB1).

Se de um lado, a ideologia do sistema patriarcal que fomentava também religiosamente comportamentos de rivalidade, concorrência, desigualdade de gênero, enfim, práticas que minavam a tranquilidade e a paz, como garantiam as leis romanas no passado, na qual

*A religião, por sua vez, tinha um papel de destaque. Os ritos domésticos eram particularizados para cada família e excluía a mulher desde a consagração - a morte poderia converter o homem, e não a mulher, à condição de criatura sagrada - até a transmissão da própria liturgia se dava apenas pela linha masculina (PINHO, 2002, p. 288).*

Por outro, o sonho de participar da romaria produz anseios por um mundo em que haja igualdade e compreensão sem rivalidades. Na verdade, mostra a expectativa

de uma sociedade já não mais fundada sob o sistema patriarcalista e sim, num outro sistema, num outro mundo capaz de promover uma sociedade igualitária, em que todos tenham os mesmos direitos.

Exemplo deste novo modo de olhar a realidade e o mundo são algumas romarias realizadas ao Santuário do Bom Jesus da Lapa onde a presença das mulheres promotoras das transformações sociais é muito mais forte e acentuada. Entre estas romarias conceituadas por Dworak (2014) como *romarias libertadoras*, porque foram organizadas e desenvolvidas a partir de uma visão sócio libertadora da fé, estão: a *Romaria da Terra e das Águas*, a *Romaria da Pastoral da Criança*, a *Romaria de Agentes de Saúde e Endemias*, e a *Romaria das Mulheres*.

As ideias que motivam este tipo de romarias estão ligadas ao movimento tradicional de romarias, feitas, na sua maioria, por lavradoras e lavradores, por donas de casa, professoras, agentes de comunidades que vinham ao Santuário da Lapa e lá encontravam espaço para refletir e conversar sobre estas questões. Ao mesmo tempo, estas romeiras procuravam encontrar na religião e nas romarias forças para a sua atuação na sociedade e afirmação para seus objetivos a favor da libertação e da promoção do ser humano (DWORAK, 2014, p. 248; 251).

*Esta dimensão esteve presente também na 3ª Romaria das Mulheres, realizada no Santuário do Bom Jesus, no dia 10 de setembro de 2011. O tema e o lema, respectivamente refletem as ideias libertadoras presentes entre as romeiras: “Mulher e Justiça Social”, e “Caminharemos em Marcha até que todas sejamos livres”. Deste modo, como foi afirmado no site do Santuário do Bom Jesus da Lapa A romaria das mulheres se insere na programação das romarias do Santuário, ocupando um espaço importante que é o de refletir as questões da mulher na perspectiva da justiça social e conferir maior visibilidade as demandas de gêneros na região. Participaram desta romaria lideranças femininas da região, entre elas as afiliadas da Associação de Mulheres, as representantes da Secretaria de Políticas para Mulheres da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, as animadoras das Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) e outras representantes dos diversos setores públicos, movimentos sociais, cooperativas, sindicatos, quilombolas e indígenas (DWORAK, 2014, p. 252).*

Potiguara (2003, p. 77) menciona que “os estudos de gênero vão de encontro a certas tendências que questionam a concepção de evolução linear e progressista e a do tempo vinculado a leis de mudanças e prognóstico de futuro”. As expectativas para o futuro, que implicam a obrigatoriedade de ir à romaria todos os anos, bem como considerar esse hábito (ou costume) como uma preparação para uma vida com Deus, mostram uma atitude de convicção nas graças que se

alcançam junto ao Bom Jesus, e isso é positivo, no sentido de fazer com que a tradição daquela romaria se mantenha viva. As entrevistas com as romeiras demonstram que as suas expectativas quanto ao futuro estão relacionadas à sua fé e à continuidade na Romaria, assim como às questões familiares, como relata a Romeira de Minas Gerais:

*Eu tenho um sonho: Que a minha família nunca se separe. Sempre seja assim unida. Que meus filhos nunca se separem um dos outros, nem de mim, nem do pai. Que sempre continuamos com essa família unida, como nós vivemos até hoje (RMG).*

Essa Coordenadora de Romaria coloca suas expectativas na religião, cuja função principal é dar sentido à vida das pessoas, por meio de expressões como a romaria que alimenta a esperança e a fé das pessoas por uma vida melhor, fazendo com que haja paz, amor e união no âmbito familiar. Assim, a exemplo da Coordenadora de Romaria da Bahia, as demais colocam suas esperanças no Bom Jesus da Lapa, fonte de vida e esperança de um futuro melhor para os membros da família, principalmente os filhos, para que não se percam neste mundo, marcado cada vez mais pela violência e desunião entre os homens.

*Eu tenho o sonho que Deus me dê a bênção do meu filho ser uma pessoa muito boa e maravilhosa, então eu oro a Deus e Bom Jesus da Lapa que ele siga só aquele caminho que ele está, ele sendo assim, eu acho que as outras coisas que eu queira eu vou conseguir tudo (CRB1).*

Segundo Dworak (2014, p. 179) estes sonhos fazem parte de mística romeira e tem muito a ver com o futuro a ser alcançado:

*O sonho é transformado em realidade [...] existe uma reciprocidade e uma continuidade entre o mito e o sonho. O sonho se enraíza no mito, institucionaliza nos ritos e desemboca na práxis. Mais ainda, ele é também uma resposta mítica para situações novas.*

Entre sonhos e realidades, as mulheres romeiras vivenciam a romaria de forma intensa, de tal maneira que a romaria à Lapa do Bom Jesus pode ser vista como “parte das relações de aliança onde o santo garante a proteção para o fiel em troca da lealdade” (STEIL, 1996, p. 101). Dentro dessa lealdade, essas mulheres externalizam, através de suas falas e de suas diversas atividades ligadas ao percurso de romarias suas perspectivas sobre o seu futuro.

## RELEITURAS DO CONTEXTO DA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: TRADIÇÃO E GÊNERO

A religião foi associada à tradição pelos racionalistas, em contraposição à modernidade. A tradição passa a ser vista como tudo aquilo que não corresponde aos ideais modernos e até mesmo é vista como irracionalidade. Erasmo de Rotterdam, referindo-se às seculares peregrinações à Terra Santa, as considera como uma forma de loucura (DWORAK, 2014).

Apesar das fortes crises religiosas pelas quais passaram as sociedades tradicionais, provocadas pelo advento da modernidade *líquida* e cada vez mais secularizada (BASTIDE, 2006, p. 91-94; BAUMAN, 2001), a tradição romeira possui um dinamismo interno que lhe permite sobreviver em plena modernidade. Giddens (1991) conceitua a tradição como o modo de integrar o monitoramento da ação com a organização espaço/temporal da comunidade, que não é estática e que passa a ser reinventada a cada nova geração, conforme esta assuma a herança cultural dos seus precedentes. Entendem-se, aqui, tradição e modernidade como delimitadoras de tempos e de práticas, sem, contudo, haver uma fronteira entre ambas.

Tal relação, entre tradição e modernidade, no que diz respeito à prática das peregrinações na contemporaneidade nos convida a aprofundá-la, apontando para os desdobramentos da mesma. Pensamos aqui em um estudo comparativo, referente às peregrinações portuguesas, mais especificamente ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, como fenômeno mais recente, marcado pela grande presença de mulheres vindas de diversos países do mundo, e a romaria do Bom Jesus da Lapa que teve como fundador um leigo português, posteriormente um monge eremita, Francisco de Mendonça Mar, onde a presença de mulheres, como vimos, é muito significativa.

Ao mencionar as releituras é importante destacar também outros aspectos do contexto atual que envolve a dinâmica das peregrinações na categoria de gênero e tradição. Pensamos aqui em especial no papel das mulheres como mantenedoras e reprodutoras das tradições peregrinatórias no momento de excepcionalidade advindo da Pandemia mundial da Covid-19, que propiciou alterações significativas de vida das pessoas e esse espaço também foi afetado e alterado em consonância das legislações sanitárias.

Em nosso artigo publicado no Jornal Notícias da Lapa (2020, 15 de abril), da Cidade de Bom Jesus da Lapa, *A Romeira do Bom Jesus da Lapa em Tempos de Pandemia (COVID 19)*, procuramos nos aproximar desta temática, no qual delineamos a participação das mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa, sua relação com o Santuário neste tempo e como estão fazendo para se encontrar com o Bom Jesus nesse momento de distanciamento social, mantendo, ao mesmo tempo, as suas tradições.

Chegamos à conclusão, mesmo que inicial e aberta para novos aprofundamentos, que, neste tempo de isolamento que impossibilitou o tradicional deslocamento à Lapa do Bom Jesus, foi possível manter a ligação com o Bom Jesus e com o Santuário da Lapa através das orações nas famílias, graças às tecnologias da modernidade que permitiram acompanhar a programação das atividades religiosas ocorridas no Santuário.

Vimos que, de alguma maneira, mesmo com limites próprios desta modalidade, foi possível assegurar esta *presença na ausência*. Isto, porque o próprio Santuário da Lapa, assim como muitos santuários pelo Brasil afora, viu-se obrigado a adequar toda a sua programação em formato virtual. Além de diversa programação desenvolvida no ambiente virtual, o santuário da Lapa lançou no ano de 2020 a sua Primeira Romaria Virtual com mote: *Se você não pode vir ao Bom Jesus, o Bom Jesus vai na sua casa*.

Desse modo, foi possível constatar que a tricentenária tradição de peregrinar à Gruta da Lapa não só resiste às mudanças da contemporaneidade, como afirma Giddens (1991), mas que também é capaz de utilizar a seu favor as conquistas tecnológicas da mesma para, se não superar, ao menos, amenizar os desastrosos e devastadores efeitos da pandemia do Covid 19, que foram profundamente sentidos também no campo religioso.

Nesse sentido, referendamos a importância da mulher na perpetuação da tradição, já que, mesmo dentro desse formato virtual, a sua presença é bem maior do que a dos homens, o que nos leva à continuidade da afirmação que no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa a figuração é majoritariamente das mulheres nas suas especificidades citadas anteriormente.

## CONCLUSÃO

No decorrer desta exposição procuramos mostrar como se dá a participação da mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa na condição de coordenadoras de romarias e romeiras comuns e sua importância na manutenção da tradição daquele evento religioso, que foi iniciado há mais de três séculos por Francisco de Mendonça Mar. Numa abordagem que envolve as relações de gênero, pelos aspectos observados, em alguns momentos aproximando-se e em outros distanciando-se do patriarcalismo, o qual marcou profundamente as tradições do Ocidente, e conseqüentemente, a tradição judaico-cristã.

Podemos concluir, parcialmente, como um simples esboço, que ainda que haja mais continuidades do que mudança neste processo, existem premissas que permitem ver a participação da mulher na romaria, principalmente no que se refere à Coordenadora de Romaria, como um empoderamento dessas funções em relação ao papel do homem.

Essas mulheres, embora estejam num universo eivado pela simplicidade, têm consciência de seu valor como mulheres, como mães de família, como profissionais e como agentes religiosas e sociais que, através de sua atuação romeira podem, e de fato contribuem, para as tão necessárias mudanças em vista de uma sociedade mais justa e igualitária portadora de uma cultura que preze o respeito e diversidade. Aos poucos elas vão se definindo em novos papéis, afirmando cada vez mais visivelmente a sua identidade de gênero, a exemplo de tantas outras mulheres que atuam em outras esferas não religiosas da sociedade.

Constatamos o quanto as mulheres se tornam responsáveis pela manutenção dessa tradição, sobretudo pelo aspecto geracional, no que tange à multiplicidade e divisão de papéis, a partir da concepção patriarcal em relação ao ato de cuidar da família para além dos afazeres domésticos, cuidado com a educação religiosa, com a formação da espiritualidade, não só de si, mas também dos filhos e até mesmo do marido.

Nesse contexto de releituras e de distanciamento social, diante da sua simplicidade de vida, estas mulheres estão ligadas a todo momento ao Bom Jesus, com um meio de conexão para além do tecnológico que é precisamente a fé no Bom Jesus e a manutenção e reinvenção da tradição de peregrinar à casa do mesmo.

As mulheres romeiras e coordenadoras de romaria não só contribuem pela manutenção de uma tradição tão importante quanto é aquela expressão da piedade popular, mas é neste espaço que elas também vão afirmando sua identidade através da família, na permanência ou na superação da condição de subordinação que tradicionalmente fora lhes imposta pela sociedade patriarcal. No entanto, cabe também a elas o papel importante na manutenção da tradição, tendo como ancoragem o aspecto intergeracional.

Estes e outros aspectos nos convidam constantemente às releituras destas tradições religiosas, entre as quais, as romarias aos santuários brasileiros, como o “Santuário da Lapa, que abre um campo de possibilidades para o estudioso da religião e da cultura enquanto o centro de condensação de mitos e cosmologias que perfazem uma tradição de longa duração” (STEIL, 1996, p. 13).

## WOMAN AND PERPETUATION OF BOM JESUS DA LAPA'S PILGRIMAGE TRADITION: CONTEXT RE-READINGS

*Abstract: this text is a re-reading, made by the authors about their doctoral thesis, whose mutual study object was the pilgrimage to Bom Jesus da Lapa's Sanctuary, held more than three centuries ago, in Western Region of Bahia/Brazil, viewed from different perspectives, however, in this article, they find a common denominator: pilgrim women and the perpetuation of pilgrimage tradition. The participants were mostly pilgrim and pilgrimage coordinator women that were*

*present for more than five consecutive years on pilgrimage. We visited other studies on these issues, emphasizing those related to COVID-19 global health crisis. We concluded that in Pilgrimage, where is experienced the meeting with the Sacred, a space of social reproduction of family and female gender identity, it is observed a contrast between the resignification of the pilgrim women's role and the confirmation of its significance in the perpetuation of that tradition.*

**Keywords:** *Pilgrimage. Bom Jesus da Lapa. Traditions. Religious Experience. Female Gender Identity.*

#### REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BASTIDE, Roger. *O Sagrado Selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Editora Shwarcz Ltda., 2006.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- DA MATTA, Roberto. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, Angela Mendes de (org.). *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Editora da UFRJ, 1987. p. 115-136.
- DWORAK, Krzysztof. *As romarias da Lapa como experiências do encontro no contexto lítico do santuário do Bom Jesus da Lapa: chamado e resposta*. 2014 (Tese de doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2014. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/1930>>. Acesso em: 01 de set. 2020.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução: Raul Filker. São Paulo: EDUSP, 1991.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOBSBAWN, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- KLINGER, Elmar. *Jesus e o diálogo das religiões: o projeto do pluralismo*. Tradução Edgar Orth. Aparecida: Editora Santuário, 2010.
- KOCIK, Lucas. *Romaria de Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 1991.
- KOCIK, Lucas. *Santuário do Bom Jesus da Lapa.. 7 ed*: Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 2000.
- LEMOS, Carolina Teles. *Religião e saúde: (re)significando as dores na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Descubra, 2008.
- LIBANIO, João Batista. *Qual o futuro do Cristianismo?*. São Paulo: Paulus, 2006.
- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. *O anel mágico: o repasse entre as gerações*. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2000.

OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva Serra de. *Romaria do Bom Jesus da Lapa: reprodução social da família e identidade de gênero feminina*. 2014 (Tese de doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2014. Disponível em:

<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/768>&gt; Acesso em: 18 de abr. 2020.

PINHO, Leda. A mulher no direito romano: noções históricas acerca de seu papel na constituição da entidade familiar. *Revista Jurídica Cesumar*, v.2, n. 1, p. 269-291, 2002.

POTIGUARA, Eliane. *Gênero e teologia*. São Paulo: Loyola, 2003.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. 3.ed. Recife: SOS Corpo, 1995.

SILVA, Sandra Célia Coelho Gomes da. *Romaria Espiritual das Mulheres ao Bom Jesus da Lapa, em tempos de Covid-19*. 15 abr. 2020. Notícias da Lapa. Recuperado de <https://www.bomjesusdalapanoticias.com.br/bom-jesus-da-lapa/romaria-espiritual-das-mulheres-ao-bom-jesus-da-lapa-em-tempos-de-covid-19/>

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

VAZ, L. *Escritos de Filosofia V: Introdução à ética Filosófica*, v. 2. São Paulo: Loyola. 2006.